Mulheres na genealogia de Jesus: uma história de libertação

Liniker Xavier[1]

RESUMO

O evangelho de Mateus apresenta a genealogia de Jesus repleta de particularidades, sendo a principal delas a inserção de cinco mulheres no texto. A participação delas de forma destacada em uma linhagem é algo incomum. O que torna o episódio ainda mais excepcional é o fato de que todas as quatro mulheres que antecedem Maria possuem graves questões morais em suas biografias, todas ligadas à questão sexual. Tamar, que engravidou de Judá, seu sogro; Raabe, a prostituta cananeia; Rute, que seduziu a Boaz; Betsabeia, a mulher de Urias que, antes de se tornar esposa, foi amante do rei Davi; e, finalmente, Maria, a virgem que engravida por obra do Espírito Santo. São mulheres marginalizadas e transgressoras participando da linhagem do Messias em um texto escrito especialmente para o judeu que cria em Jesus como Filho de Deus.

Palavras-chave: Genealogia. Mulheres. Jesus. Marginalização.

Introdução

O comportamento do Jesus histórico nos evangelhos apresenta-se como uma afronta à sociedade que insistia em ferir ou diminuir a mulher. Nos evangelhos podemos ler os embates entre Jesus e os homens. Eram confrontos que aconteciam por conta de comportamentos que colocavam as mulheres em segundo plano, se apresentavam de forma legalista e, muitas vezes, opressora. Em sua carta apostólica "A Dignidade e Vocação da Mulher" (1988), o papa João Paulo II vai dizer que, "em todo o ensinamento de Jesus, como também no seu comportamento, não se encontra nada que denote a discriminação, própria do seu tempo, da mulher". Enquanto o título "filho de Abraão" é utilizado somente para homens em toda a Bíblia, Jesus vai chamar a mulher encurvada exatamente por este título. A postura adotada por Ele durante o seu ministério ultrapassa questões temporais e é uma demonstração da importância

[1] Doutorando em Ciências da Religião (Universidade Católica de Pernambuco/UNICAP). Mestre em Teologia (UNICAP). Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (Faculdade Joaquim Nabuco). E-mail: linikerxavier@gmail.com.

das garantias humanas para as mulheres de forma determinante e definitiva, como podemos ler.

Os encontros de Jesus com as mulheres e sua forma de relacionar-se com elas deixa clara uma das suas bandeiras na pregação do Reino de Deus: a luta contra as estruturas que oprimiam e diminuíam o feminino, comprometendo a sua dignidade. O resgate do respeito ao feminino feito por Cristo nos evangelhos ultrapassa as esferas temporais e físicas e alcança também a esfera espiritual. É a mulher que antes não podia, por ela mesma, chegar-se a Deus podendo agora tocar e conversar com Jesus sem a intermediação de homens, considerados mais aptos que elas para participarem da vida espiritual do seu povo. Em meio a este cenário, a perícope de Mt 1.1-17 apresenta a genealogia de Jesus com a presença de cinco mulheres. Com a inclusão de Maria, a mãe de Jesus, estas cinco mulheres possuem histórias marcantes e questionáveis quando analisadas à luz da moral do seu tempo. Elas enfrentaram o preconceito e a resistência.

O evangelho de Mateus apresenta a genealogia de Jesus repleta de particularidades. A participação feminina de forma destacada em uma linhagem é algo incomum. O que torna o episódio ainda mais excepcional é o fato de que todas as quatro mulheres que antecedem Maria possuem graves questões morais em suas biografias, todas ligadas a questão sexual. Tamar engravidou de Judá, seu sogro; Raabe é uma prostituta cananeia; Rute seduziu a Boaz; e Betsabeia é a mulher de Urias que, antes de se tornar esposa, foi amante do rei Davi. Finalmente temos Maria, a virgem que engravida por obra do Espírito Santo. São mulheres marginalizadas e transgressoras participando da linhagem do Messias em um texto escrito especialmente para o judeu que cria em Jesus como Filho de Deus.

1 A transgressão como marca das mulheres na linhagem de Jesus

Há nas veias de Jesus sangue que descende de uma mulher que se fez prostituta para garantir a efetividade dos seus direitos assegurada. Foi o que fez Tamar. Além de passar-se por prostituta, sua ação pode ser considerada como adultério à luz do costume local, à época. Tamar, que a tradição rabínica vai concordar se tratar de uma cananeia (BAUCKHAM, 1995, p. 313-329), vai, com a sua transgressão,

reivindicar que as suas prerrogativas sejam observadas. Ela tinha o direito de manter viva a descendência de seu marido e lutou para que essa observância fosse devidamente atendida (Gn 38.6-26). Para Reimer, são as mulheres que "vão escancarar a vida de Jesus" no evangelho de Mateus:

> Isso é um recurso pedagógico para indicar o lugar protagonista de mulheres nas comunidades mateanas: por meio do registro da memória das grandes mulheres matriarcas junto à história dos grandes homens do passado se constroem argumentos para a centralidade, legitimidade e autoridade de mulheres na história atual. Não se trata de encaixar algumas mulheres na história patriquiriarcal, mas elas ali estão questionando tradições, agindo proativa e autonomamente no seio e na contramão dessas tradições. Elas não o fazem por causa das possibilidades que o contexto e a situação permitem, mas roem e alargam essas possibilidades que se revelam como limitações (REIMER, 2013, p. 29-30).

Estrangeira e viúva, Tamar era agora uma transgressora subversiva e o sangue de Jesus parece reivindicar para si a postura de sua destacável ancestral. Em Mt 10.34, lemos Jesus afirmar que não veio trazer a paz para a terra, mas a espada, pondo os filhos contra os pais e as noras contra as sogras de modo que os piores inimigos dos homens seriam os seus familiares. É este Jesus, filho também de Tamar que, como ela, foi além dos laços sanguíneos para garantir seus propósitos. É da linhagem de Tamar este Jesus que, mais à frente, em Mt 10.39 afirma que "quem achar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a sua vida, por amor de mim, achá-la-á". É uma condenação aos que agem por interesse próprio somente, achando sempre a sua vida em detrimento da dos outros, especialmente em detrimento de Jesus. Tamar é das que, de certa forma, abriu mão de sua imagem, não achando a sua vida, para fazer valer seus direitos, sem medos.

Cananeia, Raabe, a partir de sua transgressão, ao invés de tornar-se vítima, passa para a posição de protagonista da história. Ela é uma mulher que tem propriedade dentro das questões políticas de seu povo. Um conhecimento que a levou a condição de ponderar e avaliar estratégias políticas que pudessem garantir sua existência e a de sua família. É subversiva quanto à legislação local e não se intimida na hora de escolher o lado de Israel, mesmo que isto envolvesse alguma desobediência civil para com as leis de seu próprio povo. Em Mateus, Raabe não é julgada por sua atuação como prostituta, mas é reconhecida como matriarca. Para

Reimer (2013, p. 31), a inserção de Raabe na genealogia de Jesus pode ter conexão com o fato de que "no período pós-guerra romana, muitas mulheres talvez se encontrassem em situação semelhante à da matriarca". Peretti e Natel (2014, p. 339) destacam que Mateus coloca Raabe na genealogia de Jesus possivelmente através de fontes extrabíblicas que ele encontrou, contendo informações e dados para afirmar que ela foi a mãe de Boaz. A condição dela possui três agravantes que poderiam corroborar para o seu processo de marginalização. Além de mulher, era prostituta e estrangeira. Apesar disso, sua ação para salvar o povo de Israel (ela é protagonista neste processo) é suficiente para se sobrepor aos possíveis pontos questionáveis.

Buscando autonomia para negociar livramento para sua própria vida e a de sua família, Raabe usa da solidariedade com os espias de Israel. A estrangeira recorre às suas convicções teológicas para justificar seu pedido. Uma cananeia que atribui a um Deus estranho as vitórias do inimigo de Jericó. O acordo dos espias com Raabe é uma exceção, já que viola as leis de guerra pregadas em Deuteronômio. Em Dt 20.16-18, a lei determina que quando Israel for conquistar cidades dentro da terra prometida, todos os moradores, sem exceção, devem morrer. Os cananeus são nominalmente citados no verso 17. As mortes seriam justificadas pelo fato de que estes povos poderiam levar o povo hebreu a praticar cerimônias idólatras, o que seria abominação. A voz de Raabe era firme e precisa. Seu discurso é seguro a ponto de ela ser a única ouvida pelos espias. Não há em todo o texto sagrado indícios de que aqueles dois homens enviados para espiar a terra tenham ouvido alguém além de Raabe. Tudo o que precisava ser dito foi colocado pela estrangeira prostituta. O que leva a tomada de Jericó são as considerações de Raabe.

Rute vai até o abrigo do Deus dos hebreus instalar-se ali. Viúva e estrangeira, ela decidiu ser fiel aos laços que mantinha com sua sogra, Noemi. De acordo com Peretti e Natel,

> ela quis dizer que pretendia cuidar do sepultamento de Noemi e dos rituais relacionados à sua morte, e que seria enterrada no mesmo lugar que sua sogra. Essa seria uma preocupação comum para uma viúva sem filhos, por isso o compromisso de Rute teve um significado muito profundo para Noemi. Ser enterrada no mesmo túmulo da família de Noemi seria uma garantia adicional de que Rute continuaria

> a receber as provisões necessárias mesmo depois da morte da sogra (PERETTI; NATEL, 2014, p. 342).

Rute correu o risco da rejeição por parte da comunidade na qual ela agora queria estar inserida. Ainda assim, decide abrir mão de viver sua vida para cuidar de sua sogra, apresentando também sua solidariedade à situação de Noemi, viúva e migrante como ela. Sua vida passa a funcionar como redenção para a vida da mãe de seu marido. A fidelidade de Rute teve de se aliar a sua perspicácia, para que ela pudesse superar sua condição marginalizada. É a moabita que sugere ir as plantações de Boaz. Em Rt 2, o leitor é apresentado ao parente de Elimeleque, marido de Noemi, já no primeiro versículo, mas é a própria Rute quem sugere, no versículo seguinte, catar as espigas "atrás daquele em cujos olhos achar graça".

A exemplo das outras mulheres da genealogia de Jesus, a matriarca Rute se coloca como protagonista da história, tomando a iniciativa e insistindo em seus propósitos. Apesar de declarar a Noemi "o teu povo é o meu povo e o teu Deus é o meu Deus", Rute é conhecida por ser a viúva moabita. Em Rt 2.6, um dos trabalhadores de Boaz destaca para ele que esta é a moça moabita que voltou com Noemi dos campos de Moabe. Em 2.10 ela questiona Boaz sobre a sua situação e quer saber por que acha graças aos olhos dele sendo uma estrangeira. Rute é despedida por Noemi quando esta se dá conta de que não teria marido para sua nora. Apesar da desobrigação, é Rute quem assume a responsabilidade por sua sogra, por escolha sua. Foi a estrangeira Moabita quem usou de misericórdia para com a sua sogra.

No caso de Betsabeia, Brenner (2001, p. 170) considera o fato de ela ser casada com um heteu suficiente para tê-la como estrangeira. Em II Sm 11.2, lemos que ela se lavava, marcando o fim do seu período de purificação, após a menstruação. Fica óbvio que Betsabeia não estava grávida antes de deitar-se com Davi. Urias não poderia ter sido o pai da criança. Sua única fala no episódio com Davi é "estou grávida". Não fica clara a reação de Betsabeia diante dos desejos de Davi, mas tudo corrobora para entendermos que aquela mulher não teve escolha. Em II Sm 11, é Davi quem determina as regras. Lemos, no verso primeiro, que ele "enviou a Joabe"; "mandou indagar quem era aquela mulher" no verso dois; "enviou Davi mensageiros", no verso quatro; "mandou dizer a Joabe" no verso seis. A ação pertence a Davi.

O Comentário Bíblico Africano de Weanzana (2010, p. 198) destaca que a

expressão “mandou trazê-la”, no versículo quatro, é equivalente a “trazer mesmo contra a vontade dela”, a força. Não há detalhes do primeiro encontro entre o rei e a mulher de Urias, só sabemos que o ato foi consumado gerando a gravidez. Diferente das três primeiras mulheres da genealogia de Jesus, Betsabeia não toma de imediato o protagonismo da história. Ela é silenciada e, só mais tarde, vai exercer poder e protagonismo. No início de sua história, Betsabeia é descrita apenas como “uma mulher mui formosa à vista”, ainda que mais à frente o narrador informe que ela é “filha de Eliã, mulher de Urias, o heteu”, informação que só é fornecida após o interesse de Davi sobre ela. O rei não precisava de cortesia alguma para tê-la, de modo que a manda buscar até a presença dele sem rodeios. Não é ele quem vai até ela, mas seus mensageiros. Poderia então Betsabeia deixar de atender ao chamado do rei de Israel? O relato de II Sm 11 é corrido a ponto de não deixar clara a reação daquela mulher, se é que houve alguma reação. Não há espaço para sentimentalismo algum no início da história entre Davi e a mulher de Urias, senão o desejo desenfreado de um rei disposto a ter aquela a quem ele deseja.

2 Maria em um processo de marginalização

Maria, a mulher que carregou Jesus em seu ventre, não aparece na genealogia segundo Mateus como um tipo de Sara, mas na galeria de mulheres com as biografias que vimos até então. O leitor mateano suspeitava daquela gravidez e Mateus parece cuidadoso ao defender Maria com o silêncio dela. O silêncio oferecido por Mateus foi mais eloquente e forte que qualquer fala que pudesse estar contida ali. José, chamado homem justo e, provavelmente, visto com mais simpatia pelo público de Mateus, é o personagem utilizado para defender e apontar para uma Maria vítima de tantas suspeitas. Na perícope que vai do verso 18 ao 25, ela é a figura principal, mesmo sem falar. É ela, e não ele, quem carrega a promessa de salvação. Ainda assim, Maria está inserida no sistema familiar patriarcal. No verso 24, é José, o marido, quem “recebeu em sua casa sua esposa”. É José também quem põe o nome do menino de Jesus. Pela lei mosaica, como já vimos, Maria poderia ser condenada à morte por apedrejamento, já que engravidou e o filho não é de seu noivo. É um caso, segundo a lei, de adultério. Uma gravidez ilegítima.

Maria agora está vivendo a mesma situação que as outras mulheres da genealogia. Sua história levanta dúvidas quanto aos seus valores e também quanto a sua vida sexual, assim como a vida de Tamar, que também teve uma gravidez suspeita ao seduzir o sogro. As demais antecessoras de Maria, como Tamar, passaram pelo mesmo sentimento suspeito. Raabe era uma prostituta de um povo inimigo dos israelitas. Betsabeia é considerada adúltera e Rute é a moabita que seduz Boaz. Assim, Maria é também infratora, transgressora e marginalizada por estar fora dos padrões vigentes. Para o público de Mateus, não bastasse a suspeita da gravidez, havia ainda a questão da possível aceitação de um pecado por José. Ele teria direito de aceitar Maria naquelas condições? Somente uma ordem vinda dos céus justificaria para o leitor a compreensão de José para com a gravidez de Maria. É o anjo quem pede a José para que ele faça o contrário do que pretendia. José, que pretendia deixar Maria secretamente, agora recebe em sonho a orientação de recebê-la. Sua justiça excede o mero cumprimento da lei e inclui Maria, ao invés de marginalizá-la.

Considerações finais

Uma série de fatores pode ter contribuído para a inserção destas cinco mulheres na genealogia de Jesus segundo o evangelho mateano. O fato de estas mulheres serem pecadoras, isoladamente, não serve de justificativa plausível, já que tantos dos homens que aparecem ali são tão pecadores quanto elas. São também mães. As quatro primeiras sempre fazendo referência à última, mãe do filho de Deus. A gravidez de Maria é escandalosa como a de Tamar e a marginaliza como Raabe. Maria é Rute quebrando paradigmas e é Betsabeia chorando a morte de seu filho. São todas mulheres e mães participando do processo de salvação e todas elas em um momento crucial da história de seus povos. Estrangeiras recebidas por Jesus, que as chama e as aceita.

Todas as leituras apresentadas aqui possuem algum valor e Carter (2002, p. 92) aponta uma importante observação ao dizer que o principal erro dos intérpretes é procurar somente uma explicação para o caso quando muitas suposições possuem intuições válidas e que podem e devem ser consideradas. Esta genealogia parece possuir "uma agenda teológica, uma função sociológica e pastoral e uma contribuição narrativa" (CARTER, 2002, p. 85). A genealogia de Jesus com mulheres

marginalizadas, transgressoras e gentias oferecem ao leitor de Mateus uma esperança: a esperança de participar dos planos e propósitos de Deus. E isso não de forma periférica, mas central. Essa é uma esperança que pertence aos pobres, aos marginalizados, aos doentes.

Esta comunicação reúne rápidas informações que são apresentadas mais detalhadamente no livro Marginalizadas e Transgressoras (XAVIER, 2018), resultado de minha pesquisa no mestrado em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco.

Referências

BAUCKHAM, Richard. Tamar's ancestry and Rahab's marriage: two problems in the Matthean genealogy. *Novum Testamentum*, v. 37, n. 4, 1995, p. 313-329.

BÍBLIA SAGRADA. *Bíblia de Jerusalém* (Ed. Revista). São Paulo: Paulus, 2002.

BRENNER, Athalya. *A Mulher Israelita*: papel social e modelo literário na narrativa bíblica. São Paulo: Paulinas, 2001.

CARTER, Warren. *O evangelho de São Mateus*: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens. Grande comentário bíblico. São Paulo: Paulus, 2002.

EDDÉ, Emile. *Jesus libertador da mulher*. São Paulo: Paulus, 2011.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta apostólica Mulieris dignitatem*: sobre a dignidade e a vocação da mulher por ocasião do ano mariano. São Paulo: Paulinas, 1988.

LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João*. V II. São Paulo: Loyola, 1996.

PERETTI, Clélia; NATEL, Ângela. As mulheres na genealogia de Jesus no Evangelho de Mateus. *Estudos Teológicos*, v. 54, 2014, p. 333-349.

REIMER, Ivoni. *Maria, Jesus e Paulo com as mulheres*: textos, interpretações e história. São Paulo: Paulus, 2013.

REIMER, Ivoni. Não temais... Ide ver... E anunciai!: as mulheres no evangelho de Mateus. *Revista de Interpretação Bíblia Latino-Americana*, v. 27, 1997, p. 149-166.

VASCONCELLOS, Pedro Lima. Una gravidez sospechosa, el mesianismo y la hermeneutica: anotaciones sobre Mateo 1,18-25 *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*, v. 27, 1997, p. 28-46.

XAVIER, Liniker. *Marginalizadas e Transgressoras*. São Paulo: Editora Reflexão, 2018.